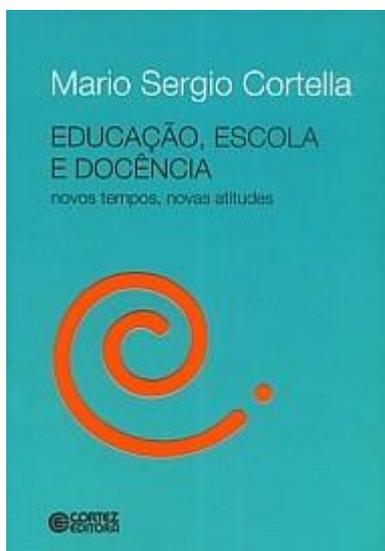


Resenha

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro  
Universitário Unieuro  
ISSN: 1809-1261  
UNIEURO, Brasília, número 16, 2015, pp. 106-110.

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA



CORTELLA, Mario Sergio. *Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes*. São Paulo: Cortez, 2014, 126p.

Palavras chave: Educação. Vocação. Docência. *Bullying*. Novos Paradigmas.

Mario Sergio Cortella (1954) é docente, filósofo, escritor, mestre e doutor em educação; professor-titular da PUC-SP e autor de diversos livros na área de filosofia, teologia e educação.

A obra *Educação, escola e docência*, faz uma análise da atual conjuntura do que é de fato, ser educador no século XXI, chamando à atenção dos docentes para repensar e refazer suas práticas, isto é, nos novos tempos, novas atitudes; não se permitindo a continuidade das mesmas práticas de décadas passadas.

O dinamismo social, a emergência de novos e múltiplos paradigmas exige por parte de educadores um grande esforço para não pautar-se pelo passado, já que segundo o autor, o “passado é referência, não é direção” (p.10).

No capítulo 1 o autor faz uma reflexão sobre o descompasso da escola no que diz respeito à cautela e ao ímpeto. Mostrando o quanto é difícil equacionar ambos; mas que é possível, desde que o ímpeto possa ser freado

## Resenha

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro  
ISSN: 1809-1261  
UNIEURO, Brasília, número 16, 2015, pp. 106-110.

pela cautela, mas, que a cautela não culmine em imobilização diante da emergência de agir com rapidez, principalmente frente às novas tecnologias.

Ainda no capítulo 1 nos coloca a necessidade de agir com *paciência pedagógica*, “capacidade de observar que as pessoas têm processos distintos de aprendizagem e de ensino, que os alunos, os colegas de profissão vivem momentos diferentes”. (p.15). A *paciência afetiva*, segundo o autor, também se coloca como algo bastante relevante no processo ensino-aprendizagem, pois é “a capacidade de amorosidade que precisa o tempo todo cobrir qualquer ato pedagógico” (p.15).

As novas tecnologias para muitos educadores representam um inimigo em sala de aula; por este motivo se faz imperioso que se faça uma diferenciação entre acesso a informação e conhecimento. “Em que a tecnologia tenha a sua presença, que o ensino não seja de conteúdos abstratos, mas que sejam ideias que tragam a reflexão do concreto, em que não haja autoritarismo, mas que a autoridade seja um elemento de constituição sólida da convivência, em que haja uma estrutura colaborativa em vez de trabalhar apenas como competitivo”. (p.30-31). Nesse sentido as tecnologias jamais substituirão o professor, porque elas não cumprem o papel de levar o aluno à reflexão e também não fazem a mediação adequada entre os conflitos.

Uma vez os conflitos mal administrados em sala de aula pelo professor, uma vez não tendo um PPP- Projeto Político Pedagógico, como nos coloca o autor (p.31), cenas de violência passam a fazer parte do dia a dia das salas de aula e do espaço escolar; em muitos casos com reprodução externa. Para uma atuação no sentido da não violência (*bullying*), “é preciso ter a capacidade de fazer um projeto pedagógico sólido na Escola com as famílias”, (p.31) de forma conjunta. Nos alude ainda que “mudar é complicadíssimo” (p.32), mas que de forma flexível se consegue a mudança, pois, “gente não nasce pronta, vai se fazendo”. (p.35).

No capítulo 4 aborda a humildade pedagógica e competência coletiva, sendo que, “só a possibilidade de estruturar uma conexão entre as pessoas pode gerar, de fato, um conhecimento que seja coletivamente significativo” (p.40). Somente quem se deixa educar, está apto para ser educador e que uma

## Resenha

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro  
ISSN: 1809-1261  
UNIEURO, Brasília, número 16, 2015, pp. 106-110.

das principais qualidades para o perfil ideal de educador escolar no século XXI é a humildade. (p.39).

Enumera no capítulo 5, sobre os pilares da educação em uma sociedade de mudanças velozes: 1. Sólida base científica; 2. Formação de solidariedade social; 3. Constituição de cidadania ativa. Onde afirma que o conhecimento científico, não deve ser um privilégio de poucos, mas sim, repartido com muitos; no repartir e na troca de conhecimentos estão à percepção da solidariedade e da fraternidade, “aquela que vê o outro como o igual, como sendo da mesma família” (p.49); seres humanos, que somos todos. Colocando a solidariedade como “uma forma de ação política” (p.49), constrói-se assim uma cidadania ativa, que é também papel da escola.

Para competir com a tecnologia e sair-se vitorioso, no capítulo 6 o autor nos adverte que: “a área de Educação Escolar ainda não pode ser privada da capacidade de comunicação direta, de trabalho docente”. (p.54) Esse contexto atual faz com que o docente faça uso da tecnologia de forma “hipertextual”, onde a “estratégia é partir do já sabido para chegar ao não sabido”. (p.57). Partindo sempre daquilo que está ligado ao cotidiano do aluno, do mais recente, onde “entre o empírico (aquilo que está no dia a dia) e o abstrato (o conceito), a ideia tem de passar pelo concreto (aquilo que faz sentido)” (p.57), e juntar em um mesmo bojo, a teoria e a prática.

A questão da “Geração Z”, abordada no capítulo 8, nos aponta pontos positivos: “instantaneidade, velocidade, senso de urgência e um ponto negativo, que é a ausência de paciência”. (p.70). Cabe também ao educador perceber todas essas peculiaridades da nova geração e canalizá-las de modo que cause a menor incidência de danos à escolarização atual.

Há que se levar em consideração também, a paciência com o outro, e se vivemos em uma sociedade “fast”, a educação também tem que ser ágil no sentido de não ficar se debatendo com o passado. “Muitas pessoas dizem que as crianças não gostam da escola. Não é verdade. As crianças adoram a escola. O que elas têm dificuldade é com as nossas aulas”. (p.85). Dessa forma o autor nesse capítulo 9, nos coloca a necessidade de uma educação em tempo integral e não apenas de uma escolarização em tempo integral. Onde a escola consiga integrar momentos de encontro e lazer entre os estudantes, imprimindo outras

## Resenha

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro  
ISSN: 1809-1261  
UNIEURO, Brasília, número 16, 2015, pp. 106-110.

leituras, práticas esportivas, musicais, teatrais e outras, que possam promover o desenvolvimento integral de fato.

No capítulo 10, o autor coloca um fator muito importante em tempos de exacerbação do materialismo, “há abalos cotidianos nos territórios da fraternidade, integridade e solidariedade, há uma materialização excessiva da vida, uma perda de sentido da noção de coletividade e a exaltação de um egonarcisismo complacente” (p.89). Onde a criança e o adolescente não “criam um processo de conquista, pois recebem coisas instantaneamente” (p.88). A primeira, e em alguns casos a única “ferramenta disciplinadora no contato cotidiano vem sendo o docente”. (p.92),

A ausência de limites dessa sociedade materializada, “esse afrouxamento impacta muito em sala de aula. O ambiente fica bastante conflituoso, desconfortável”. (p.93) Dessa forma uma boa saída para a resolução de fato, é “trazer a comunidade de responsáveis para dentro a fim de pensar esse tema, tem de ser um projeto pedagógico da escola, não de apenas um professor, isoladamente”. (p.94) Sendo um projeto da escola, ganha robustez e maiores serão as chances de êxito.

A sociedade atual, como o autor menciona no capítulo 11, guarda contradições, ao mesmo tempo em que demonstra mais abertura em algumas situações, é também a geração que mais pratica o *bullying*. Mesmo o autor não tendo uma visão “maléfica” em relação às novas gerações, a caracteriza como uma geração do “eu quero fazer o que gosto”, esquecendo-se de que para fazer o que gosta, é preciso fazer o que não gosta por um determinado tempo, concluir o ciclo escolar, por exemplo. “Há menos gente no caminho e mais gente procurando atalho”. (p.101). Buscam-se resultados sem esforços.

A importância dos valores e a sustentação que eles proporcionam a vida coletiva é o tema discutido no capítulo 12, onde o autor coloca os valores de “cooperação e noção de cidadania”, como valores essenciais. (p.105). Alguns pais e mães querem terceirizar o afeto, mas a educação de deve vir do lar, pois segundo o autor o papel da escola é fazer a escolarização e reforçar valores; mas como reforçar algo inexistente?

Nos chama à atenção de que não há uma disciplina específica para a formação de valores, essa formação está atrelada às demais disciplinas do

## Resenha

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro  
ISSN: 1809-1261  
UNIEURO, Brasília, número 16, 2015, pp. 106-110.

currículo, onde “os valores se transportam exatamente na relação de convivência e comunicação”. (p.107).

Em uma sociedade pautada pelo individualismo, há que observar também como os docentes estão tratando da formação para o trabalho, se de competitiva (individualizada), ou de forma solidária (coletiva). A maneira como esse tema é tratado na escola também pode “formar alguém que conviva com a possibilidade da maldade” (p.109), e no caso da “violência física, a sensação de vitória” (p.110), causa um bem estar naquele que exerce a prática. Dessa forma o autor aponta que “a docência decente é umas das maneiras de dificultar que a minoria maléfica sufoque a maioria benéfica”. (p.112).

A grande questão que o autor impõe aos educadores é o desafio que mesmo com tantos obstáculos, onde tudo parece conspirar contra, “no que nós acreditamos, por que estamos nesta atividade?” (p.113).

Castelli nos responde afirmando que: “Quem ama não desiste. Quando começamos a desistir de algo é porque estamos deixando de amar, seja o trabalho, a família, a religião, o lazer. Mas quem ama não desiste. Porque é justamente a força amorosa que nos mantém firmes no nosso propósito”. (p.115).

Os docentes fazem parte de uma profissão onde todos trabalham juntos e descansam juntos e de que “então, a nossa renovação tem de vir em serviço. Nós nos apoiamos uns aos outros.” (p.115). O trabalho coletivo faz com que uns apoiem-se nos outros, diminuindo assim o cansaço e o desânimo de cada um, que às vezes, aparece no caminhar.

A questão de ter a docência apenas como uma mera fonte de renda, também é apontada pelo autor como um dificultador para a promoção da aprendizagem e da educação como um todo; aqueles que não têm vocação para a docência, mas não podem deixar de exercê-la, “nesse caso, é preciso tentar encontrar (consigo mesmo e com colegas) o que pode fazer desse ofício algo com sentido.” (p.119). Não se pode simplesmente estar na docência, o ideal é ser docente.

## Resenha

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro  
Universitário Unieuro  
ISSN: 1809-1261  
UNIEURO, Brasília, número 16, 2015, pp. 106-110.

Uma convivência em sala de aula, segundo Castelli será sempre cheia de conflitos, mas cabe ao educador não deixar que eles se transformem em confrontos.

A obra é de suma importância para leitores de diferentes áreas do conhecimento, sejam docentes ou não; em algum momento, mesmo em outras atividades. Todos são capazes de aprender e ensinar. Todavia, é direcionada principalmente àqueles que têm a vocação da docência, para que não se deixem abater com as dificuldades que o século XXI impõe aos educadores.

Dessa forma, Castelli grafa sua última frase na obra: “Amorosidade, competência e alegria! Faz todo sentido para nós, educadores que somos”.

Resenha de Keula Rodrigues

Mestre em Ciência Política